



TEMÁTICA LIVRE

Gêneros discursivos e Crítica Genética: pontos de contato¹

Discursive genres and Genetic Criticism: points of contact

Géneros discursivos y Crítica Genética: puntos de contacto

**Márcia Helena de Melo
Pereira²**

orcid.org/0000-0002-3663-3462
marciahelenad@yahoo.com.br

Anne Caroline Dias

Rocha Prado²

orcid.org/0000-0002-3966-3034
annerochaprado@gmail.com

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 22/07/2020

Publicado em: 17/12/2020

Resumo: Neste trabalho, propomos uma aproximação entre o conceito de gênero e a Crítica Genética, a partir da análise de dados do processo de construção de uma resenha escrita por uma dupla de estudantes universitários. A noção de gênero que adotamos é a de Bakhtin (2011), para quem gêneros são "tipos relativamente estáveis de enunciados" produzidos pelas esferas de utilização da língua. Para tratarmos da Crítica Genética, uma área que dá ao texto a perspectiva do processo, recorremos, entre outros, a Salles (2000) e Biasi (2006). Assim como fazem os geneticistas, lançamos um olhar para o processo: o que nos interessa é o vir a ser e não apenas o produto. Nossas análises mostraram que dados processuais nos permitem chegar a detalhes muito específicos da construção de um texto, aos quais não teríamos acesso considerando apenas o produto final escrito, tais como apagamentos, inserções, escolhas vocabulares, etc., realizadas pelo escrevente.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Crítica Genética. Dados processuais. Resenha.

Abstract: In this article, we propose an approximation between the concept of gender and Genetic Criticism, based on data analysis of a review building process written by a pair of university students. The concept of gender that we adopt is from Bakhtin (2011), for whom genres are "relatively stable types of statements" produced by the spheres of language use. To approach Genetic Criticism, an area that gives the text the perspective of the process, we resort to Salles (2000) and Biasi (2006), among others. As geneticists do, we pay attention at the process: what interests us is becoming and not just the product. Our analyzes showed that procedural data allow us to arrive at very specific details of the text construction, which we would not have access considering only the final written product, such as deletions, insertions, vocabulary choices, etc., made by the writer.

Keywords: Discursive genres. Genetic Criticism. Procedural data. Review.

Resumen: En este trabajo, proponemos una aproximación entre el concepto de género y la Crítica Genética, partimos del análisis de los datos del proceso de construcción de una reseña escrita por dos estudiantes universitarios. La noción de género que adoptamos es la de Bakhtin (2011), para quien los géneros son "tipos de discursos relativamente estables" producidos por las esferas del uso de la lengua. Para referirnos a la Crítica Genética, que es el área que le ofrece al texto la perspectiva del proceso, recurrimos, además de otros, a Salles (2000) y Biasi (2006). Así como lo hacen los genetistas, lanzamos una mirada al proceso: lo que nos importa, no es solo el resultado, es cómo se llega a ser. Nuestros análisis mostraron que los datos procedimentales nos permiten llegar a detalles muy específicos de la construcción de un texto, a los que no tendríamos acceso considerando solo el producto escrito final, como eliminaciones, inserciones, elecciones de vocabulario, etc., realizadas por el escritor.

Palabras clave: Géneros discursivos. Crítica Genética. Datos procedimentales. Reseña.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Programa Interno de Bolsas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Introdução

Não é novidade que a Linguística se relaciona com várias outras áreas do saber. Entretanto, esta não é uma característica exclusiva sua, pois dificilmente uma ciência limita-se aos conhecimentos do seu próprio campo de atuação. O final do século XX, por exemplo, trouxe novas parcerias entre a Linguística e as neurociências cognitivas. A incorporação do processamento cerebral da informação pela Linguística é fato em áreas como a Psicolinguística e a Linguística Cognitiva. A Linguística Computacional é outro exemplo da parceria recente, em estreita relação com a inteligência artificial. Essa lista de exemplos de formas de abordagem interdisciplinar dos fenômenos da linguagem pode ser estendida; contudo, já é suficiente para confirmar a constatação de Saussure de que a linguagem pertence ao domínio social, além do domínio individual. Sendo assim, ela coaduna com diferentes campos do saber das várias ciências: exatas, humanas/sociais e biológicas.

A temática da relação Linguística com outras ciências já é amplamente discutida no interior de cada disciplina linguística que tem essa característica. Fiorin (2008), por exemplo, discute a relação interdisciplinar entre Linguística e Literatura no Brasil. O autor conceitua, inclusive, os termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, com base em sua etimologia. Sobre o conceito de interdisciplinaridade, escreve:

A interdisciplinaridade pressupõe uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologias e, de outro, a combinação de áreas. Assim, por exemplo, a sociologia pode utilizar conceitos da economia, como faz Pierre Bourdieu quando se serve dos conceitos de capital, mercado e bens para todas as atividades sociais e não somente as econômicas, ou quando faz largo uso da noção de troca. Com muita frequência, a interdisciplinaridade dá origem a novos campos do saber, que tendem a disciplinarizar-se. A bioquímica, unindo biologia e química, estuda os processos químicos que ocorrem nos organismos vivos. A sociobiologia é a tentativa de explicar biologicamente os comportamentos sociais (FIORIN, 2008, p. 38).

Conforme Fiorin salientou, a interdisciplinaridade presume, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e metodológicos e, de outro,

a intersecção de áreas. Nessa perspectiva, neste trabalho, tratamos de um conceito que vem sendo amplamente discutido na Linguística sob os mais variados pontos de vista: o conceito de gênero discursivo, buscando aproximá-lo da Crítica Genética, uma área nascida da Teoria Literária que evidencia o processo textual, através de métodos desenvolvidos para revelar esse processo, valendo-se, para isso, de rascunhos, manuscritos, notas de pesquisa e outros documentos de processo deixados por escritores de obras literárias durante suas produções textuais.

Segundo Marcuschi (2008), a comunicação linguística só é possível por meio de textos, ordenados a partir da escolha de determinado gênero: "muitas decisões de textualização (configuração textual com suas estruturas, ordenamento paragrafático etc.) devem-se à escolha do gênero" (MARCUSCHI, 2008, p. 85-86). Portanto, todo texto é configurado em algum gênero.

Entretanto, precisamos ressaltar que, em geral, os textos têm sido vistos como um produto final e as etapas que envolvem o seu processo de construção não são levadas em consideração. Neste trabalho, porém, perseguimos o processo de elaboração textual, buscando mostrar que dados processuais são uma fonte reveladora do trabalho do sujeito com a linguagem, e o aparato teórico-metodológico da Crítica Genética nos ajuda a decifrá-los. Sendo assim, trabalhamos com os dados do processo de construção de uma resenha acadêmica elaborada por uma dupla de estudantes universitários a respeito do curta-metragem "Vida Maria". Esses dados são constituídos por: uma gravação de áudio do diálogo mantido pelos estudantes durante a elaboração do texto; uma gravação em áudio de uma entrevista posterior que fizemos com a dupla, questionando-a a respeito das operações de escrita e reescrita realizadas; transcrições dessas duas gravações; os esquemas textuais elaborados pela dupla; e o texto considerado pronto pelos escreventes. A apreensão desses dados será mostrada em detalhes na seção "Questões metodológicas: a intersecção das áreas".

Este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentaremos as noções de texto e de gêneros discursivos, buscando compreender

como se relacionam, para, então, tratarmos da resenha enquanto gênero da esfera acadêmica. Nas duas seções seguintes, discutiremos as concepções teórico-metodológicas da Crítica Genética e mostraremos de que maneira elas foram aplicadas na captação e na organização dos nossos dados processuais. Adiante, esmiuçaremos os nossos documentos de processo, rastreando informações a respeito do gênero resenha, utilizando, para isso, o aporte teórico da Linguística Textual, área da Linguística cujo objeto de investigação é o texto. Por fim, indicaremos nossas considerações finais, refletindo sobre a importância de olharmos para o processo de construção de um texto e não apenas para o produto final.

Texto, gêneros discursivos e resenha: entrelaçamentos

Definir texto não é tarefa fácil. No âmbito da Linguística, o objeto texto é concebido de maneiras variadas, de acordo com as noções de linguagem, língua e sujeito que são assumidas; mesmo quando nos restringimos à própria Linguística Textual, ainda nos deparamos com definições distintas, a depender do autor ou da vertente teórica adota. No quadro das teorias sociointeracionais, entende-se texto como o resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual elementos linguísticos são selecionados e ordenados, a partir da compreensão de conteúdos semânticos, da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva e da interação de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 2013). Nessa perspectiva, Marcuschi (2008) declara que a comunicação linguística se dá por meio de textos que são "o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona" (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Todavia, para que se compreenda, de fato, o que é um texto, é preciso que se mencione a sua relação com o gênero, uma vez que os textos se manifestam por meio de gêneros discursivos, responsáveis por ordenar e estabilizar as atividades comunicativas; em outras palavras, é no interior do gênero que o texto é organizado sob uma forma mais ou menos estável.

De acordo com o teórico russo Mikhail Bakhtin, a linguagem atravessa todos os campos da atividade humana e cada um desses campos produz gêneros discursivos: enunciados concretos e únicos, relativamente estáveis, que se caracterizam pelo conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo, e, ainda, refletem suas finalidades e condições específicas (BAKHTIN, 2011). É através desses três elementos que os gêneros refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera de utilização da língua, ou seja, as características e a classificação de cada gênero são determinadas pela esfera (ou campo) do qual ele faz parte, pois cada campo constitui um discurso autônomo, que pode produzir suas próprias exigências e influenciar outros campos. Os gêneros acadêmicos, como a resenha, por exemplo, são produzidos no âmbito universitário e apropriar-se deles requer, antes de tudo, a inserção na esfera acadêmica.

Motta-Roth e Hendges (2010) explicam que os gêneros acadêmicos podem ser reconhecidos pela maneira singular com que são construídos, sendo em relação ao tema e objetivo, ao público-alvo e à natureza e organização das informações incluídas nos textos. Esses aspectos são determinados pela esfera acadêmica a que pertencem e podem variar de uma área do conhecimento para outra, demonstrando o caráter relativamente estável dos gêneros.

Em relação à resenha acadêmica, Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam que este é um dos gêneros centrais do meio acadêmico cujo objetivo é avaliar o resultado de uma produção intelectual em determinada área do conhecimento. Assim, o autor de uma resenha busca fornecer uma opinião crítica sobre uma obra e, quem a lê, busca essa opinião. Ao escrever uma resenha, então, o autor descreve e avalia a obra a partir de conhecimentos prévios sobre o tema, procurando relacionar seus comentários com a área do saber em que a obra foi produzida ou com outras áreas relevantes para a produção. Segundo as autoras, na produção de uma resenha, são desenvolvidas quatro etapas em que realizamos as ações de apresentar > descrever > avaliar > (não) recomendar. Em geral, essas ações aparecem nessa ordem e podem variar em tamanho e frequência, dependendo do que e do quanto o

autor deseja enfatizar, de acordo com as características da obra ou do estilo de quem escreve.

Ainda, de acordo com Lima-Silva (2009), para produzir uma resenha acadêmica de maneira eficaz, é preciso articular descrição e posicionamento sobre o texto-fonte, de maneira que fiquem claras quais são as ideias do autor da resenha e quais são as ideias do texto-fonte. Para a autora, escrever uma resenha é uma atividade que exige que o resenhador contextualize, identifique, compreenda, avalie, analise, compare, critique etc., além de desenvolver a competência argumentativa, a capacidade de textualizar e de deixar claro as fontes das ideias apresentadas.

Dadas essas considerações, cabe acrescentar, aqui, uma reflexão, com base em Pereira (2005): por trás de um texto pronto existe um complexo trabalho de produção, em que o escrevente planeja, escreve, apaga, revisa, substitui, modifica etc., deixando em seus rascunhos índices, pistas, rastros do seu percurso. Através da análise das operações que o sujeito realiza durante a produção textual, podemos compreender com mais detalhes a relação do indivíduo com o texto, com o gênero e com o discurso que o envolve, e, conseqüentemente, compreendemos melhor a sua relação com a linguagem. Conforme declara Brandão (2002), o processo da produção de um texto é fundamental para compreender não apenas a obra acabada, mas, principalmente, as implicações históricas, linguísticas, estéticas e literárias que nela atuaram para que ela se tornasse o que é ao fim do processo. É nesse momento que a crítica genética pode nos fornecer subsídios para o tratamento dos nossos dados, visto que também nos debruçamos sobre textos em seu vir a ser.

A visão processual do texto pela Crítica Genética

Lê-se em Prado (2019) que, no ano de 1966, uma importante coleção de manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine chegou à Biblioteca

Nacional da França. Dois anos mais tarde, por iniciativa de Louis Hay e Almuth Grésillon, o Centre Nationale des Recherches Scientifiques (CNRS) reuniu uma equipe de pesquisadores (germanistas de formação, alguns de origem alemã, e outros especialistas em Heine), responsável por classificar, explorar e editar essa coleção. Tempos depois, os germanistas começam a dialogar com grupos franceses isolados, interessados em decifrar os manuscritos de Proust, Zola, Valéry e Flaubert. Nesse período, especificamente em 1982, houve a criação do laboratório próprio do CNRS, o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM).

A partir de meados dos anos 1990, conforme Salles (2008), a Crítica Genética passa a viver uma época de exploração e alargamento de horizontes. Segundo a autora, ao dar lugar para a ação transdisciplinar, a Crítica Genética, inicialmente, se limitava à diversidade de teorias utilizadas pelos pesquisadores para tratar dos manuscritos estudados, posteriormente, porém, extrapola os limites dos manuscritos literários, passando a explorar um campo mais extenso, o que levou a discussão do processo criador para outras manifestações artística, inclusive de materiais de outras naturezas além da escrita, a exemplo de áudios e audiovisuais, como é o caso dessa pesquisa, como veremos mais adiante.

Entretanto, embora se fale em "manifestação artística", precisamos frisar que a Crítica Genética não privilegia discussões sobre as teorias da criatividade, por exemplo, tampouco sobre os requisitos necessários para que se considere uma obra como de arte. Ela não estabelece um julgamento, não faz juízo de valor – essa é uma tarefa que cabe à Crítica Literária. A Crítica Genética interessa-se pela observação e interpretação do percurso. Seu ponto de vista teleológico é o vir a ser. Seu campo de atuação é o arquivo. Seu objeto de estudo é o manuscrito ou os documentos de processo.²

Para compreendemos o princípio da área da Crítica Genética, temos que lembrar que o texto

² De acordo com Salles (2000; 2008), com o tempo, a Crítica Genética passou a abranger outras manifestações artísticas, além das produções literárias e, mesmo os materiais literários já não se restringiam ao "escrito à mão". Dessa forma, adotar o termo *manuscrito* não parecia tão adequado. Na tentativa de evitar confusões e questionamentos e de encontrar um termo que desse conta da diversidade das linguagens, a autora sugere denominar o objeto de estudo do crítico genético de documentos de processo. Esses documentos, independentemente de sua materialidade, sempre têm a ideia de registro.

considerado final por seu produtor é o resultado de um processo de criação. No trajeto do escritor há perdas, digressões, acréscimos etc. A obra entregue ao público é precedida por um complexo processo feito de correções infinitas, pesquisas, esboços, planos etc. O efeito que essa obra causa em seu interlocutor tem o poder de apagar ou, ao menos, não deixar todo esse processo aparente, podendo levar ao mito da obra que já nasce pronta. Dessa forma, o interesse da Crítica Genética está em verificar, através dos documentos de processo, os mecanismos de produção do texto, a fim de elucidar os modos de proceder do autor e o processo que precede a escritura.

Todavia, conforme salienta Prado (2019), os documentos de processo não se apresentam, necessariamente, de maneira estruturalmente organizada e clara e com uma sequência temporal definida. Dessa forma, o trabalho do geneticista é tentar isolar as operações pelas quais o texto foi sendo construído e ordená-las. Para isso, o crítico genético deve seguir uma série de etapas a fim de tornar legíveis esses documentos que têm em mãos. Biasi (2006) enumera quatro grandes fases de pesquisa, nesse primeiro momento: (i) estabelecimento da documentação, fase em que o pesquisador fará um trabalho de inventário e de prospecção, coletando o conjunto dos documentos de processo relacionado com a obra estudada; (ii) especificação das peças do dossiê, as quais deverão ser separadas por espécie (notas documentárias, rascunhos, manuscritos definitivos, o do copista etc.) e por fase (pré-redacional, redacional etc.), quando for o caso; (iii) classificação genética, centrada no conjunto "rascunhos", os quais receberão duas classificações: uma no eixo paradigmático, classificando os estados sucessivos de elaboração do mesmo fragmento, e outra no eixo sintagmático, promovendo o encadeamento desses diferentes fragmentos; (iv) decifração e transcrição dos documentos: a primeira permite comparar os diferentes estados de um mesmo fragmento e, portanto, classificá-los uns em relação aos outros; a segunda é fixada em uma transcrição que poderá, se for o caso, ser publicada, a fim de que possa ser julgada pela comunidade dos críticos.

Ao organizar esse material, o crítico genético elabora o prototexto, termo introduzido por Bellemin-Noël, em 1972, para mostrar que a organização dos documentos é resultado de uma elaboração teórico-crítica. Deve ficar claro que o prototexto não é o conjunto de documentos, mas um novo texto formado por esses materiais, após certa convivência do crítico com eles, para evidenciar os sistemas lógicos que o organizaram. Segundo Bellemin-Noël (1993), o termo prototexto define-se como "uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo" (BELLEMIN-NOËL, 1993, p. 141).

Sendo assim, é o olhar do crítico genético que faz nascer o prototexto, que o estabelece, que o explora, em um processo analítico e interpretativo. Sua atividade é da esfera do comentário. O prototexto é criado com o objetivo de preparar o material original para uma análise. Salles (2000) salienta que:

se há necessidade de transcrever de forma legível a massa documental deixada pelo artista, respeitando ao máximo a disposição dos originais e seu conteúdo, esse processo de decifração para chegar à transcrição implica, forçosamente, uma intervenção por parte do pesquisador (SALLES, 2000, p. 61).

Há, portanto, a presença do crítico genético em todas as etapas de pesquisa. Dessa forma, a subjetividade é inevitável.

No entanto, a Crítica Genética não se limita a um mero registro de momentos singulares e/ou gerais observados nos documentos de processo, conforme declara Pereira (2005). Segundo a autora essa área exige de seu pesquisador a procura de instrumental teórico que o habilite a analisar e interpretar o material. É nesse momento que a Crítica Genética abre espaço para uma prática interdisciplinar. Pode-se afirmar que os estudos genéticos já iniciam a necessidade do contato com outras disciplinas, para que estas lhe forneçam um arcabouço teórico capacitado a propor explicações relativas ao processo criativo. Em nosso caso, estamos propondo o uso do aparte teórico da Linguística Textual, notadamente so-

bre o conceito de gênero discursivo, postulado pelo teórico russo Mikhail Bakhtin (2011)³, para interpretarmos dados processuais deixados em textos escritos por estudantes universitários. Conforme veremos adiante, a ponte entre essas áreas nos auxilia na captação, na organização e no tratamento dos nossos dados, e nos permite ter acesso a informações reveladoras acerca da relação dos nossos sujeitos com o gênero discursivo que estavam apreendendo: a resenha.

Questões metodológicas: a intersecção das áreas

Conforme dissemos anteriormente, a Crítica Genética surgiu atrelada à Literatura, à arte literária, porém, à medida que foi se desenvolvendo, deu lugar a uma ação interdisciplinar, passando por ajustes conceituais e teóricos. Assim, o campo de estudo passou a explorar, também, textos não literários e, dessa forma, se abriu para a relação com outras disciplinas, visto a necessidade de encontrar uma teoria adequada ao objeto, de modo geral, e às metas específicas do investigador.

O diálogo entre a Crítica Genética e a Linguística já resultou em inúmeros trabalhos de pesquisa. Primeiramente, convém mencionar o trabalho da pesquisadora do ITEM Irène Fenoglio, que investiga um acervo de manuscritos do linguista Émile Benveniste. No Brasil, a linguista Cecília Almeida Salles tem se dedicado aos estudos genéticos e, juntamente com o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação, desenvolve pesquisas, investigando documentos de processo de textos de diferentes modalidades da língua. E, de modo semelhante ao nosso trabalho, cabe mencionarmos as teses de doutoramento de Bezerra (2013) e Pereira (2005). A primeira, assim como nós, reflete sobre a produção de texto no ensino superior, analisando operações de reescrita, valendo-se, para isso, de conceitos genéticos. A segunda utilizou a Crítica Genética para decifrar dados processuais de alunos de ensino médio, discutindo sobre a relação entre gênero e estilo, na tentativa de verificar a existência de traços de estilo individuais

e de gêneros em textos de escolares.

A nossa proposta, neste trabalho, é mostrar como dados processuais, como os utilizados pela Crítica Genética, nos permitem vislumbrar informações e detalhes específicos do texto em construção, os quais não enxergaríamos apenas com o texto considerado pronto. Para isso, apresentaremos dados do processo de construção de uma resenha acadêmica escrita por dois estudantes do curso de Letras Vernáculas – D. e G. – de uma universidade estadual do interior da Bahia. A escolha por uma produção em dupla teve um propósito bem definido: o fato de haver dois estudantes conversando sobre o que iriam ou não escrever produz um efeito diferenciador em relação à maioria das pesquisas já realizadas sobre o processo de produção de texto. Na verdade, as intervenções e trocas que marcam toda essa situação geram um resultado singular que seria completamente diferente caso houvesse somente um estudante produzindo o texto, ou somente fosse possível o acesso a ele. Além disso, a escrita conjunta abre novas possibilidades de interpretação para a atividade de refacção, como, por exemplo, considerar as reformulações orais feitas por estes alunos diante do texto que estavam produzindo como uma espécie de "re-escrituração" não textualizada.

É nesse momento que nos valemos da Crítica Genética para auxiliar-nos na apreensão e organização dos dados, pois, conforme mencionamos, antes de destrinchar o seu material, o geneticista precisa organizá-lo, elaborando um dossiê dos documentos de processo e produzindo um prototexto. Para isso, ele precisa seguir algumas etapas, divididas por Biasi (2006) em (i) estabelecimento da documentação; (ii) especificação das peças; (iii) classificação genética; (iv) decifração e transcrição.

No que diz respeito ao nosso trabalho, primeiramente, fizemos o estabelecimento da documentação da seguinte maneira: solicitamos aos estudantes que produzissem uma resenha acadêmica a partir do curta-metragem "Vida Maria": eles deveriam assistir ao vídeo e, em seguida,

³ A Linguística Textual, a partir de meados da década de 1990, em especial no Brasil, ampliou seu escopo teórico, ao considerar, também, algumas das reflexões do filósofo russo Mikhail Bakhtin, dentre as quais destacamos: a enunciação, os gêneros do discurso e o dialogismo.

escrever o texto, sem apagar as modificações que fizessem na primeira versão e, por último, passá-lo a limpo, quando o considerassem pronto. Vale ressaltar que o texto foi escrito à mão. Todo o momento de elaboração dele foi gravado em áudio com o objetivo de capturarmos o diálogo mantido entre os escreventes a respeito do texto: suas reflexões, suas dúvidas, suas escolhas linguísticas em detrimento de outras etc. A gravação nos possibilitou entender/apreender, de forma pontual, quais foram as indagações, as reflexões que os sujeitos apresentaram nos momentos de apagamentos, adições, substituições e trocas. A verbalização dos próprios estudantes em processo de elaboração textual tornou-se, portanto, crucial para o nosso trabalho.

Para completar a apreensão dos dados, ouvimos a gravação de áudio do momento da produção do texto, observamos o rascunho e as anotações feitos pelos escreventes, pontuamos os episódios que nos chamaram a atenção e elaboramos perguntas feitas à dupla uma semana após a elaboração do texto. Dessa forma, os próprios estudantes puderam nos dizer por que apagaram, por que substituíram e assim por diante. Essa entrevista também foi gravada em áudio.

Para a especificação genética, separamos os

nossos documentos em quatro tipos: rascunhos, texto pronto, gravação do processo e gravação da entrevista.

As etapas de classificação genética, de decifração e de transcrição foram feitas simultaneamente, visto estarem relacionadas entre si. A etapa de transcrição foi fundamental para nós, pois, para decifrarmos os áudios, tanto do diálogo entre os resenhistas quanto da entrevista realizada posteriormente, foi necessário registrá-los de maneira escrita.

Vale salientar que, segundo Biasi (2006), é na transcrição que a decifração é fixada. Com os rascunhos e as transcrições em mãos, foi possível reconstituir os momentos em que aconteceram apagamentos, substituições, trocas e supressões até que se chegasse à ordem do texto definitivo. Assim, pudemos, então, comparar as duas versões do texto, saber em que ordem as operações de reescrita ocorreram e entender por que motivo ocorreram, ou seja, conseguimos decifrar os nossos dossiês. Feito isso, seguimos para a elaboração do nosso prototexto. Para isso, realizamos o que intitulamos "captação da gênese do texto", que mostrou cada atividade realizada pela dupla durante a elaboração textual. Vejamos, no quadro a seguir, como ficou o nosso prototexto:

Quadro 1 – Prototexto

Iniciam a resenha escrevendo: **"Vida Maria" é um curta-metragem de autoria** (Riscam "de autoria" e colocam "produzido por") **produzido por Márcio Ramos e que conta** (Param) (Inserem "de aproximadamente oito minutos" antes de "produzido por") **com a trilha sonora de Hérlon Robson** (Param). **O vídeo aborda a vida de várias Marias** (Apagam "a vida de várias Marias" e acrescentam "de forma caricatural a vida de várias Marias") que vivem a triste realidade do sertão brasileiro (Param) **e de como, ao passar das gerações,** (Inserem "mesmo" depois de "como") **nada muda.**

O primeiro parágrafo fica assim: **"Vida Maria" é um curta-metragem de aproximadamente oito minutos produzido por Márcio Ramos e que conta com a trilha sonora de Hérlon Robson. O vídeo aborda de forma caricatural a vida de várias Marias que vivem a triste realidade do sertão brasileiro e de como, mesmo ao passar das gerações nada muda.**

Começam o segundo parágrafo da seguinte maneira: **A história se passa em torno da** (Param) (Trocamos "se passa em torno da" por "centraliza-se na") **personagem Maria José que** (Param) **começa, na infância, aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome.** (Param) **Impedida pela mãe- que também se chama Maria- de prosseguir** (Apagam "começa na infância" e escrevem "quando criança", em seguida, apagam "Impedida pela mãe - que também se chama Maria - de prosseguir" e escrevem "Repreendida brutalmente pela mãe [que também se chama Maria]), **Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma realidade marcada pelo duro trabalho da roça.**

Concluem o segundo parágrafo dessa forma: **A história centraliza-se na personagem Maria José que quando criança está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome. Repreendida brutalmente pela mãe (que também se chama Maria), Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma realidade marcada pelo duro trabalho da roça.**

Escrevem o terceiro parágrafo: **Os personagens secundários demonstram não deter conhecimento de uma cultura letrada, enxergando o hábito de escrita, da escrita como desnecessário, como diz a mãe de Maria José. “Fica aí fazendo nada”, no momento em que ela desenhava o seu nome num caderno rabiscado. (Param) O tempo vai passando, e Maria José cresce, casa-se, tem filhos, marido continuando seu trabalho na roça e não mantendo nenhum outro acesso com a escrita.** (Partem para o próximo parágrafo sem fazer nenhuma alteração neste).

Iniciam o quarto parágrafo assim: **Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a composição da trilha sonora do vídeo.** (Param) **Hérton Robson se utiliza de recursos próprios para ressaltar a triste realidade nordestina. Em acordes melodiosos de um violão cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida.** (Trocamos “violão” por “violoncelo”) (Param)

Escrevem o último parágrafo: **O vídeo “Vida Maria” é indicado tanto aos profissionais da educação, mais precisamente àqueles que lidam com a alfabetização, quanto ao público em geral, por se tratar de uma temática recorrente: a questão do aprendizado da escrita e a possibilidade de mudança de vida que ela traria.**

Releem o todo o texto fazendo pequenas alterações, a saber:

“Vida Maria” é um curta-metragem de aproximadamente oito minutos produzido por Márcio Ramos e que conta com a trilha sonora de Hérton Robson. O vídeo aborda de forma caricatural a vida de várias Marias que vivem a triste realidade do sertão brasileiro e de como, mesmo ao passar das gerações nada muda (Inserem uma vírgula depois de “gerações).

A história centraliza-se na personagem Maria José (Acrescentam “do vídeo” depois de “história”) **que quando criança está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome. Repreendida brutalmente pela mãe (que também se chama Maria), Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma realidade marcada pelo duro trabalho da roça.**

Os personagens secundários demonstram não deter conhecimento de uma cultura letrada, enxergando o hábito de escrita, da escrita como desnecessário, como diz a mãe de Maria José. “Fica aí fazendo nada”, no momento em que ela desenhava o seu nome num caderno rabiscado. O tempo vai passando, e Maria José cresce, casa-se, tem filhos, marido continuando seu trabalho na roça e não mantendo nenhum outro acesso com a escrita. (Apagam o “e” e trocam “mantendo” por “voltando a ter”).

Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito a composição da trilha sonora do vídeo. Hérton Robson se utiliza de recursos próprios para ressaltar a triste realidade nordestina. Em acordes melodiosos de um violoncelo cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida.

O vídeo “Vida Maria” é indicado tanto aos profissionais da educação, mais precisamente àqueles que lidam com a alfabetização, quanto ao público em geral, por se tratar de uma temática recorrente: a questão do aprendizado da escrita e a possibilidade de mudança de vida que ela traria.

Passam o texto a limpo fazendo modificações durante essa tarefa também:

“Vida Maria” é um curta-metragem de aproximadamente oito minutos produzido por Márcio Ramos e que conta com a trilha sonora de Hérton Robson. O vídeo aborda de forma caricatural a vida de várias Marias que vivem a triste realidade do sertão brasileiro e de como, mesmo ao passar das gerações nada muda. (Inserem “tudo se repete e” antes de “nada muda”).

A história do vídeo (Trocamos “Vídeo” por “curta”) **centraliza-se na personagem Maria José que quando criança está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome. Repreendida brutalmente pela mãe (que também se chama Maria)** (Trocamos os parênteses por travessões), **Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma realidade marcada pelo duro trabalho da roça.**

Os personagens secundários (Escrevem “da história” depois de “secundários”) **demonstram não deter conhecimento** (Tiram “demonstram não” e colocam “não apresentaram”) **de uma cultura letrada, enxergando o hábito de escrita, da escrita como desnecessário,** (Param) **como diz a mãe de Maria José.** (Trocamos a vírgula por ponto continuativo e substituímos “como diz a mãe de Maria José” por “Em uma das poucas falas do vídeo, a mãe de Maria José deixa explícito que ela”) **“Fica aí fazendo nada”,** (Param) **no momento em que ela desenhava o seu nome num caderno rabiscado.** (Apagam “no momento em que ela desenhava o seu nome num caderno rabiscado” e escrevem “enquanto rabiscava em seu caderno”) **O tempo vai passando, e Maria José cresce, casa-se, tem filhos, marido** (Apagam “marido”) **continuando seu trabalho na roça não voltando a ter nenhum outro acesso com a escrita.** (Trocamos “acesso” por “contato”).

Outro aspecto importante a ser ressaltado, (Colocam crase) **diz respeito a composição da trilha sonora do vídeo. Hérlon Robson se utiliza** (Apagam o "se") **de recursos próprios** (Trocamos "próprios" por "musicais") **para ressaltar a triste realidade nordestina**. (Riscam "nordestina" e escrevem "da "Vida Maria") **Em acordes melódiosos de um violoncelo cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida**. (Trocamos o ponto continuativo por uma vírgula).

O vídeo "Vida Maria" é indicado tanto aos profissionais da educação, mais precisamente àqueles que lidam com a alfabetização, (Apagam o "a") **quanto ao público em geral, por se tratar de uma temática recorrente: a questão do aprendizado da escrita e a possibilidade de mudança de vida que ele traria**. (Acréscimos "eventualmente" depois de "ele").

O texto pronto:

"Vida Maria" é um curta-metragem de aproximadamente oito minutos produzido por Márcio Ramos e Hérlon Robson, autor da trilha sonora. O vídeo aborda de forma caricatural a vida de várias Marias que vivem a triste realidade do sertão brasileiro e de como, mesmo ao passar das gerações, tudo se repete e nada muda.

A história do curta centraliza-se na personagem Maria José, que, quando criança, está aprendendo a desenhar as primeiras letras do seu nome. Repreendida brutalmente pela mãe - que também se chama Maria - Maria José se configura enquanto uma personagem que reflete a realidade do sertão. Uma triste realidade marcada pelo duro trabalho da roça.

Os personagens secundários da história não apresentaram deter conhecimento de uma cultura letrada, enxergando o hábito da escrita como desnecessário. Em uma das poucas falas do vídeo, a mãe de Maria José deixa explícito que ela "fica aí fazendo nada" enquanto rabiscava em seu caderno. O tempo vai passando e Maria José cresce, casa-se, tem filhos continua seu trabalho na roça, não voltando a ter nenhum outro contato com a escrita. Outro aspecto importante a ser ressaltado, diz respeito à composição da trilha sonora do vídeo. Hérlon Robson utiliza de recursos musicais para ressaltar a triste realidade da "Vida Maria", em acordes melódiosos de um violoncelo, cujas batidas parecem embalar um lamento pela vida sofrida.

O vídeo "Vida Maria" é indicado tanto aos profissionais da educação, mais precisamente àqueles que lidam com alfabetização, quanto ao público em geral, por se tratar de uma temática recorrente: a questão do aprendizado da escrita e a possibilidade de mudança de vida que ele, eventualmente, traria.

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras.

Como vemos a partir do que foi dito até aqui, é possível constatar que a Crítica Genética nos oferece contribuições importantes para o tratamento dos nossos dados, visto que essa área se volta para o processo de produção e não somente para o produto definido, com o objetivo de tentar compreender esse processo e os mecanismos que sustentam a produção textual.

As etapas seguidas pelo crítico genético para chegar ao prototexto revelam um trabalho intenso dos sujeitos escreventes com a linguagem. Os documentos de processo nos mostram que, até chegar ao texto pronto, diversas modificações podem ser feitas, novas ideias surgem, podendo ou não serem utilizadas, há perdas e digressões. Através do prototexto, tal como expomos, podemos visualizar essas diversas situações. A Crítica Genética, portanto, nos fornece subsídios teórico-metodológicos que nos auxiliam na organização e no tratamento de dados processuais e nos dá

acesso a detalhes específicos sobre os quais não teríamos conhecimento apenas com a versão final da resenha. Conforme declara Biasi (2006), "a obra, em sua eventual perfeição final, não deixa de ser o efeito de sua própria gênese" (BIASI, 2006, p. 1).

Em suma, através da possibilidade de analisar um objeto aparentemente fragmentado, que são os documentos de processo, destacando as inúmeras fontes de informações que podem ser acessadas e as incontáveis revelações obtidas através dessas fontes, a Crítica Genética nos dá alicerce para tratarmos as diferentes formas de registro do processo do texto elaborado pelos nossos escreventes como dados interligados e complementares, o que nos viabiliza uma análise fértil.

A seguir, apresentaremos, a título de ilustração, alguns dados da gênese da resenha que D. e G. escreveram que nos mostram alguns desses detalhes revelados, pois, como é de se supor, este espaço não comporta dados tão extensos.

Destrinchando os documentos de processo da resenha

Primeiramente, gostaríamos de esclarecer, que os dados serão apresentados em forma de quadros, nas quais traremos, na coluna à esquerda, a transcrição da gravação de áudio que fizemos do

momento da elaboração textual, e, na coluna à direita, a transcrição da entrevista realizada com a dupla após o evento de produção.

Vejam, então, as falas iniciais da dupla, depois de tomarem conhecimento da proposta de produção textual:

Quadro 2 – Trechos do diálogo inicial entre D. e G. e da entrevista feita com a dupla

Elaboração do texto	Entrevista
<p>G.: Que você escreve mesmo, né? D.: Ué, você que sabe. G.: Primeira coisa... Primeira coisa, você já fez resenha alguma vez? D.: Eu já. G.: Cê... Cê gosta de começar como? D.: Bom, todo texto que eu vou fazer, eu faço um esqueminha do que que eu vou abordar no texto. G.: Hum... D.: Independente se é resenha, se é... qualquer coisa. G.: Então faz seu esquema aqui, do jeito que você faria um esquema, e eu faço mais ou menos o meu. E aí a gente junta. D.: Junta... G.: Junta os dois e faz. Ó... D.: Certo. Primeiro fazer... Fazer o que? É falar sobre o filme, né? G.: Não, faz seu esquema primeiro... Eu já começo de outra forma. D.: É? G.: É. G.: Faz o esquema aí, escreve aí como você começa. D.: Como assim? G.: Vai fazer escrito? D.: É. G.: Então põe aí. D.: Então... G.: Pode por. D.: (Risos) G.: Independente do, do tipo do texto, você faz assim, é? D.: Independente. Eu planejo o texto, como vai, como vai ser o texto. G.: Ah, entendi. D.: Entendeu? O corpo do texto. Depois eu vou... G.: Cê não tem assim, mais ou menos esquematizado na cabeça por gênero não? Por exemplo, artigo, aí, cê já sabe como vai começar. D.: Ah, isso é manual da escrita. G.: Ah, então tá bom. D.: Entendeu? Cê faz como? G.: Ué, já tá na minha cabeça aqui, que que é uma resenha, como se configura, por onde vou começar, como é que tá o meio, depois o fim... Assim. D.: Hum. G.: Sim. D.: Pois é.</p>	<p>Pesquisador: Vocês costumam planejar todos os textos que elaboram antes de iniciá-lo? D.: Eu, eu gosto de fazer um esquemazinho de como vai ser o meu texto, como vai se estruturar o meu texto. Aí, depois das leituras, depois da revisão, no caso, de assistir ao vídeo né? Aí, eu vou só preenchendo os espaços, e aí, de acordo vai ficando bom ou não, eu vou mudando esse esquema. Então, assim, de início eu gosto de fazer estruturado, como que vai compor o meu texto. G.: Bom, no meu caso, dependendo do gênero... se eu já conhecer o gênero, eu já tenho o gênero esquematizado na minha cabeça. No caso, resenha, aí já tá esquematizado lá na minha cabeça como iniciar, como continuar as ideias, como começar, como é que eu vou falar, de quem eu vou falar primeiro, do que que eu vou falar, é, depois demonstrar minha opinião e, no caso, oferecer pra determinado público. Então, a resenha é um gênero que eu já tenho esquematizado na cabeça, né? Em mente... Então, quando eu fui fazer com a D., aí eu perguntei pra ela "Você faz resenha como?"... "Ah, eu começo falando do que que é o filme, penso num título, daí, vou falando...". Eu falei "Não. Gosto de fazer, primeiro com... É... Pesquisar sobre o autor do texto, do livro ou do filme, do que quer que seja, pesquiso a vida do autor...". Pra mim, resenha é assim, você pesquisa a vida do autor, de quem seja, você fala a importância daquela pessoa, pesquisador, professor, e aí, vem comentando o trabalho dele, e aí, começa a resenha de fato. E aí, a gente entrou nesse embate porque ela queria começar de um jeito e eu queria começar de outro. Então, entramos em consenso... D.: Mas, no fim, acaba sendo a mesma coisa. Porque... G.: (Gargalhada). D.: ... a gente, sempre a gente tem um esquema de um gênero já previsto, a estrutura composicional desse gênero. Então, independente se vai ser uma resenha, se vai ser um artigo, se vai ser outra coisa, eu sempre tenho em mente o meu esquema. Eu vou estruturar meu esquema conforme esse gênero textual. Pesquisador: Claro. D.: Nesse sentido, G. não entendeu como eu queria fazer. Então, assim, a gente montou um esquema e aí, depois, acabou montando o mesmo esquema de forma amplificada, e deu no mesmo, vai ficar uma resenha do mesmo jeito. O que vai mudar o meu esquema de planejamento textual é o gênero... Independente...</p>

Fonte: banco de dados das pesquisadoras.

Como vemos, D. e G. fizeram um planejamento prévio do que iriam colocar em sua resenha, em forma de um esquema escrito, o que nos fornece um documento de processo a mais para investigar. O esquema dos estudantes foi dividido em duas partes: na primeira, eles anotam o tempo de duração do curta-metragem e o nome do seu diretor, e elencam sete pontos que deveriam ser mencionados no texto.

Vejamos a primeira parte do esquema:

Márcio Ramos (7:50')

- Falar sobre o vídeo: resumo;
- Aspectos críticos;
- Opinião-indicação;
- Falar do autor do vídeo, tempo;
- Resumo da história = resumo crítico do tema;
- Indicado a quem?
- Final = conclusões, considerações finais.

Na parte seguinte do esquema, a dupla amplia o que havia montado, conforme D. declarou na entrevista: "a gente montou um esquema e aí, depois, acabou montando o mesmo esquema de forma ampliada". Observemos:

Vida Maria =

- Márcio Ramos = um filme de / trilha sonora original = Hérlon Robson
- A questão da escrita = as pessoas, de forma geral, não detém [sic] cultura letrada, enxergam o hábito de escrever como, não dão importância, não reconhecem o valor "Fica aí fazendo nada"
- Tema do vídeo = o vídeo trata de quê? Metodologia do Ensino Fundamental = Alfabetização
- Maria José = personagem principal, a história se passa em torno dela. Não há diálogos. Representação imagética. Reflete uma realidade específica = do

sertão. A trilha sonora do vídeo apresenta características de lamentos, da triste vida nordestina = "o lugar comum" [sic]

- Indicado aos profissionais da educação, mais precisamente os profissionais que atuam na área de alfabetização e ao público em geral.
- Considerações finais.

Conforme podemos observar, o planejamento prévio feito pelos estudantes já nos dá ideia de todo, nos mostra o encaminhamento que eles pretendiam dar ao texto. O planejamento textual é uma etapa que faz parte de todo processo de escritura, embora ela não seja realizada apenas no início da produção textual e não seja necessariamente escrita. Segundo Prado (2019), o planejamento é a geração e a organização de ideias, de acordo com o contexto de produção e o gênero que é produzido.

Notamos que o planejamento dos escreventes é pautado na estrutura retórica do gênero resenha acadêmica, o qual estava sendo apreendido. O esquema proposto inclui as etapas que desenvolvemos ao resenharmos uma obra, conforme enumeradas por Motta-Roth e Hendges (2010). São elas: apresentar > descrever > avaliar > (não) recomendar. Podemos dizer, portanto, que os escreventes demonstram conhecer o gênero do discurso em que estavam se manifestando, uma vez que não têm dificuldade para identificar os elementos constitutivos da resenha. Para eles, uma resenha deve conter: uma apresentação da obra, com informações técnicas a seu respeito; um resumo da obra com opiniões críticas; uma indicação/recomendação da obra. Se não tivéssemos dados processuais, não teríamos como saber como os estudantes planejam o texto que escreveram, tampouco que esse planejamento foi feito a partir do que se sabia sobre a estrutura da resenha. Sendo assim, analisemos outras falas de D. e G., enquanto ainda planejavam o texto, em que eles discutem sobre o que deve conter nele ou não.

Quadro 3 – Trecho de discussão entre D. e G. e da entrevista feita com a dupla

Elaboração do texto	Entrevista
<p>D: Certo? E se é resenha, ela quer uma resenha crítica, então tem que ter uma opinião.</p> <p>G: É.</p> <p>D: Então são os aspectos...</p> <p>G: Existentes, né?</p> <p>D: Ao abordar.</p> <p>G: Deixa colocar. (Pausa) Oh, primeiro eu gosto de falar do autor [...], do autor do vídeo.</p> <p>D: Cê conhece o quer mais de Márcio Ramos?</p> <p>G: Nada.</p> <p>D: Esse é o problema.</p> <p>G: Por isso... Por isso que eu queria pesquisar, mas assim...</p> <p>D: Esse é o problema.</p> <p>G: Você já começa falando do... Do autor, quem é o autor do vídeo.</p> <p>D: Aqui, a gente pode conseguir algumas informações na...</p> <p>G: Pois é.</p> <p>D: Na parte final do vídeo.</p> <p>G: Na parte técnica.</p> <p>D: É.</p> <p>G: Da produção, né? Tipo assim, fazer um parágrafo, o vídeo tal, tal, tal, é de autoria de fulano...</p> <p>D: Hunrum.</p> <p>G: Com cicrano tal, tal, tal.</p> <p>D: Quantos minutos, eu anotei aqui.</p> <p>G: É. Quantos minutos, é. Depois... É mais ou menos o que você tá fazendo aqui.</p> <p>D: Pois é.</p> <p>G: Ai eu começo fa, fazer um resumo da história, falar da... Tipo aqui, por exemplo, falar do autor do vídeo, aí o tempo, né?</p> <p>D: Hunrum.</p> <p>G: O tipo de... De vídeo que é, curta-metragem, longa-metragem.</p> <p>D: Hunrum, e...</p> <p>G: Características... Características técnicas.</p> <p>D: E por que esse vídeo, para que esse vídeo, qual é a temática dele, né?</p>	<p>Pesquisador: D. acha melhor começar a resenha falando do filme que estavam resenhando. Mas G. discorda e diz que costuma começar uma resenha de outra forma. Mais abaixo, temos a informação sobre que forma é essa: G. diz que gosta de começar a resenha falando do autor. São esses os tipos de começos que devem ter uma resenha?</p> <p>G: Bom, ao meu ponto de vista, sim, porque uma resenha precisa é, é, é... Principalmente como gênero acadêmico né? Que é... Uma resenha crítica, um gênero acadêmico... Então, é preciso, mostrar, dar informações acadêmicas ao texto: quem produziu, se é algum escritor famoso, se tem algumas produções, é, artigos, alguma coisa do tipo, se faz parte do campo acadêmico, do mundo acadêmico ou não. Então, pra mim, sim. Tem que existir esse tipo de observação.</p> <p>D: Eu concordo. Mas, levando em conta que o único material que dispomos era o vídeo, não tinha como a gente levantar informações sobre o autor. A única informação que a gente tinha era dada pelo vídeo.</p> <p>[...]</p> <p>Pesquisador: Ai, a D. coloca que se é resenha crítica tinha que ter opinião. É isso mesmo?</p> <p>D: Sim.</p>

Fonte: banco de dados das pesquisadoras.

Nos dados apresentados, podemos verificar que os estudantes não se desvencilham do gênero resenha e apontam aspectos compatíveis com as ações mencionadas por Motta-Roth e Hendges (2010): eles afirmam que, no início da resenha, precisam apresentar a obra, mostrando, de maneira crítica, a sua temática geral e as suas características, além de falar sobre quem a produziu. Além disso, a dupla menciona a necessidade de dar uma opinião. Segundo Lima-Silva (2009), na produção

de uma resenha, é preciso articular descrição e posicionamento. Nas falas acima, vemos que os nossos sujeitos demonstram conhecer essa especificidade do gênero e se preocupam com onde e como colocar os seus elementos típicos, buscando obedecer a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo da resenha. Os escreventes, então, seguem refletindo sobre o gênero resenha e qual seria o seu objetivo:

Quadro 4 – Falas de G. durante a elaboração do texto e durante a entrevista feita com a dupla

Elaboração do texto	Entrevista
<p>G.: Contar a história todinha, tem que contar tudo o que se passa no vídeo, porque, porque o texto de resenha é assim, é um texto que vai convencer, que tem que convencer a pessoa a assistir ao vídeo, entendeu?</p>	<p>G: Assim, pra mim, uma coisa, assim, que eu tenho percebido, é que o primeiro parágrafo ele vai ser o carro chefe do seu texto, ele vai ser aquela coisa que vai fazer o seu leitor continuar a leitura do texto ou não. Se você vai fazer um texto cujo primeiro parágrafo não, não, é, é, trouxe nenhuma informação, nenhuma novidade, ou algo que instigou o leitor a continuar, então, ele vai ler o primeiro parágrafo e vai desistir logo. Porque, quando eu penso também em res... Quando eu pensei em fazer a resenha do vídeo, eu lembro sempre de outro gênero que é a sinopse. [...] G: Então, a sinopse é uma espécie de resenha, de resumo, só que menor né? Então, como... Eu pensei nisso. Eu pensei "Poxa! Na sinopse, às vezes, você pega, você assiste a um vídeo só pela sinopse. A sinopse tá tão bem escrita que você vai dar vontade de você assistir. Então, o que que eu pensei, então? O primeiro parágrafo tem que ser esse, essa espécie de sinopse aí né? Uma coisa bem instigante, um falar de forma curta, introduzindo toda resenha né? Mas bem instigante mesmo, bem chamativa, pra o leitor continuar a leitura da resenha.</p>

Fonte: banco de dados das pesquisadoras

Podemos observar acima que D. e G se preocupam com o seu potencial leitor. Eles sabem que, conforme Lima-Silva (2009) destaca, quem escreve uma resenha precisa convencer os leitores, atendendo às exigências do contexto em que o gênero é produzido. Assim, os estudantes procuram se adequar ao contexto em que estão inseridos, discutindo sobre o que escrever e por que escrever, levando em consideração o potencial leitor. Mais uma vez, observamos que os escreventes pensam, antes de tudo, no gênero resenha em sua configuração típica.

Não há como nos estender mais. Todavia, os dados que apresentamos aqui já nos revelam muitas informações a respeito da relação dos sujeitos com a escrita e com o gênero que trabalham. Lembremos que as falas que trouxemos são iniciais, ditas durante o planejamento textual, antes de iniciar, efetivamente, a escrita do texto. Reiteramos que dados como os que estamos mostrando são riquíssimos e podem nos oferecer informações que, apenas com o texto pronto, não teríamos como obter. Dessa forma, ratificamos a relevância da Crítica Genética para análises como a que propomos, visto que esta área nos permite verificar e compreender os mecanismos

de produção do texto e elucidar os processos envolvidos na escritura.

Conclusão

Com este pequeno exemplo dos dados da gênese de um texto, é possível mostrar que dados processuais nos permitem chegar a detalhes muito específicos de sua construção, ajudando o pesquisador a entender melhor a relação do sujeito com a linguagem. Por exemplo, os dados processuais do texto em análise nos mostraram que D. e G., os autores, fizeram escolhas levando em consideração, sobretudo, o gênero que estavam apreendendo: resenha. Isso ficou claro já nas primeiras falas da dupla, em que os estudantes decidem fazer um planejamento escrito, destacando o que deveria ser colocado em cada parte da resenha.

Via de regra, D. e G. destacaram que uma resenha deve ser iniciada com uma apresentação técnica da obra, contendo informações como autoria e tempo de duração (no caso do vídeo), por exemplo; deve ter, também, um resumo, que descreva a obra, que mostre do que ela trata; além disso, para eles, é preciso que haja opinião crítica e elementos que chamem a atenção do leitor da resenha para a obra e o convença a bus-

câ-la; por fim, eles comentam a necessidade de recomendar a obra para um público específico.

Enfim, foram os dados processuais desse texto que nos deram muitas informações acerca de como ele foi construído, acerca de quais fatores – linguísticos, discursivos, cognitivos (embora não seja esta nossa preocupação) – entraram na constituição desse texto. Se tivéssemos apenas o produto final como instrumento de análise, não teríamos como saber que determinadas escolhas dos escreventes foram feitas na tentativa de chamar a atenção do seu potencial leitor.

Vimos que as operações de escrita e reescrita realizadas pela dupla mostram uma leitura não linear, não transparente, porque é interrompida, ao contrário do mito de que o texto que o estudante “passa a limpo” teria uma leitura “linear”, apoiada na noção de transparência da linguagem.

Portanto, a ponte que estamos propondo fazer com a Crítica Genética é possível, na medida em que esta área nos fornece subsídios importantes para o tratamento de dados processuais, uma vez que ela se volta para o processo de produção e não para o produto definido. A Crítica Genética nos permite olhar cada fragmento, cada rascunho, cada fala, cada esquema, como fontes de informação, como movimentos em direção à textualização.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a, p. 261-306.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. *Manuscrita – Revista de Crítica Genética*, São Paulo, APML, n. 4, p. 127-161, 1993.
- BEZERRA, Lidiane de Moraes Diógenes. *O uso de operações linguístico-discursivas da crítica genética na reescrita de textos*. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- BIASI, Pierre-Marc. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel et al. *Métodos críticos para análise literária*. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1-43.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. Apresentação. In: ZULLAR, Roberto (org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 9-12.
- FLORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 29-53, Jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106-2008000100003X&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LIMA-SILVA, Ana Virginia. A produção de resenha acadêmica no ensino superior. *ReVeLe*, n. 2, jan. 2011. <https://doi.org/10.17851/2317-4242.2.0.1-13>
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. Resenha. In: MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PEREIRA, Márcia Helena de Melo. *Tinha um gênero no meio do caminho*. A relevância do gênero para a constituição do estilo em textos de escolares. 2005. 276f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- PRADO, Anne Caroline Dias Rocha. *Participação, negociação e escolhas: como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha?* 2019. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- ROMANELLI, Sergio. Uma gênese da crítica genética no Brasil: 1984-2014. *Lo que los archivos cuentan*, v. 2, p. 69-87, 2014.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. revista. São Paulo: EDUC, 2008.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), *campus* de Vitória da Conquista. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição (PPGLIN/UESB).

Anne Caroline Dias Rocha Prado

Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLIN/UESB), *campus* de Vitória da Conquista. Bolsista do Programa Interno de Bolsas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Endereço para correspondência

Márcia Helena de Melo Pereira
Anne Caroline Dias Rocha Prado
Estrada Bem Querer Km-04 3293, 3391
Campus de Candeias - BA
45083-900